



"UM PARTO", de Qorpo Santo
natureza do espetáculo: LEITURA DRAMÁ-
TICA - TEATRO DO ABSURDO -
estréia: FOYER DO THEATRO SÃO PEDRO
setembro/1983



(Estão todos os atores no palco posicionados e com um foco de luz individual. Em back-off:)
-E agora o charme, a elegância, o balacubaco, a ironia e o descompromisso com a seriedade de Nato Campão.
(Inicia o texto)
-O assunto hoje é Qorpo Santo. Teatro. Precursor do teatro

do-absurdo, o popular José Joaquim de Campos Leão que agitou o século XIX com sua intensa criatividade que o tornava uma pessoa pirol. Realmente gente, o Qorpo era uma pessoa segurasgrusgs. Ei bixo, vamos lá! Ergue a tua cabeça e coloca o teu muque exposto no mercado de trabalho, fofo. Cuida da tua cuca. Sai prá lá grilo! O DOPS não vai invadir a minha casa. E agora com vocês textos do autor, dramatizados com a cancha e a tarimba de atores locais consagrados:

Mica Vieira, filha de Lúcio e Santa, irmã de mimã e nepa, neta de Damásia, prima de Guga e sobrinha de Gabi.

Pelé Ratinecas, filho de feigue, primo de bereu, irmão de Reja-ne, formanda em turismo em Telaviv e de Paolo, o careta tarado.

Patinha Cecato, irmã do nenê; Debie, herdeira do savoir-fair de D. Marlene, sobrinha do gay paulista Beto e da neurótica Ighes Praça.

Mica Vieira: "O sábio beija, o néscio arqueja, porque será que isso se dá?". "Eu sei:aquele viveu em Deus, por Deus e para Deus; este, no Diabo, com o Diabo, pelo Diabo e para o Diabo."

Pelé Ratinecas: "Ao homem convém caminhar, falar, pular, dançar e o exercício de mais de um milhão de verbos acabados em ar, ar, ar, etc, etc, etc..."

Patinha Cecato: "Que força tem o destino? Umãs vezes cruel e destruidor como o raio ou a tempestade; em outras vezes tão benigno como o amor ou a saudade".

Mica Vieira: "Os malvados estão sempre condenados. A ciência o ouro e a água são cousas que quanto mais abundam, menos param e mais veloses necessitam correr."

Pelé Ratinecas: "Nove horas do dia, cinco horas da tarde, seis da madrugada e ainda dormem... e como dormem!"

Patinha Cecato: "Dizem os médicos e confirmam os lógicos. as cousas que tem de trabalhar apertadas, não poderão fazer tão bem o serviço como desembaraçadas; e eu o creio pia e firmemente".

Mica Vieira: "Quando escrevo, penso e procuro conhecer o que é necessário, e o que não é e assim como, quando me é necessário gastar cinco, por exemplo, não gasto seis nem duas vezes cinco."



Pelé Ratinecas: "Sabem o que mais? Eu não quero estar vendo aqui estas imundícies! (chamando) Rigoletto, Rigoletto... Que mulher veste dois vestidos, um por cima do outro? Que homem duas calças?"

Patinha Cecato: "Pois eu quero tudo: cruces, cruzeiros, cruzados, cruzinhas, cruzadas e tudo o mais que me oferecem, e que eu possa gozar sem perder.

(Cai a luz)

Fundo: Departamento de Censura

Número da Pasta: 106

Número de Documentos: 04

Autor (es): Campaio, Renato; Pecato, Patricia

Título: Pansex, a Bossa da Juventude

Gênero:

Personagens:

Tema/Sinopse: É dividido em vários textos: - Swing na Califórnia; A Bela e a Fera; A Marqueanta; Império do Sentidos; No Vale dos Pimentões; Baile do Automatic Kaer; Um party; Alutres da arrebatção; Tem um albino do meu lado; Terror no

Observações: Contém duas cópias do texto e dois certificados de censura obs da censura federal



IR

até 25/7

" PANSEX, A BOSSA DA JUVENTUDE "

P A N S E X
apresenta

" A BOSSA DA JUVENTUDE "

Roteiro de RENATO CAMPÃO e PATRÍCIA CECATO
Livre adaptação de textos de - RENATO CAMPÃO, PATRÍCIA CECATO,
JOÃO CARLOS CASTANHA, TINA DISCHINGER, JOÃO DE DEUS e CARLOS
PALOMBINI.



" ÓPS... CAIU MEU DRÔPS "

Natureza do espetáculo: TEATRO DE DANÇA

Estréia: SALÃO DE ATOS DA PUC

I MILEA - Agosto/1981



(Entra no palco uma enorme centopéia, formada pelo corpo de todo o grupo. A parte frontal do bicho faz muitas caretas, e as suas curvas também. Ela inicia cantando uma música infantil:

ESTA É A HISTÓRIA DA SERPENTE,
QUE VEIO DOS MONTES
PARA PROCURAR UM PEDAÇO DE SEU RABO

O resto grupo junto com ela:

VOCÊ TAMBÉM...

VOCÊ TAMBÉM...

...É UM PEDAÇO, DO MEU RABÃOOOOOOOO...

A centopéia dá uma volta pelo palco cantando a música. Aos poucos, as vozes vão diminuindo, passam a ser apenas resmungos e nhem-nhem-nhens. Volta para o lado das cortinas.)

(A frase: óps...caiu meu drôps, é dita por todos, sendo que existem variações no ritmo, na entonação e no modo de combinar as palavras. Troca a música, e o grupo de atores volta em fila indiana como se fossem soldados, atravessando o palco num vaminhar seco e ritmado, com um olhar fixo e assustado para a platéia. Desaparecem na cochia. Retornam as caminhadas da direita para a esquerda e vice-versa, com variações na expressão facial e corporal em unidade. É a hora dos solos. A cada passada, um ator compõe um novo tipo:

Ator I -(cantando)- Vieram me contar que você diz que não
me quer
E que você me tem a hora que você quiser
Eu só não compreendo oque essa gente quer de mim
Não ligo e só respondo que eu te amo
mesmo assim.

Ator II -(dialogando com personagem invisível)

-Catarina, olha a chave!

(encerra cuspiendo)

-Ah? Ah, sim. Eu sei. Tudo bem. Tchau!

Ator III -(conversando com o público)

-Fui convidada para participar do concurso "A mais la comerciária" do Clube Nossa Senhora de Fátima. E como diz o poetinha "desculpem as feias, mas, be leza é fundamental.

Ator IV - (conversando com o público)

- Essa chave aqui é da minha casa em Tramandaí, essa aqui é do meu Voyage, essa é do meu escritório, ' essa é do meu barzinho, essa é da minha caixa de bijou e essa...essa...ah!..essa aqui é a chave do meu coração.

Na última passada de atores, forma-se um agrupamento do qual saem fantoches, alternadamente dando os seguintes textos:

Ator I -Cada parte do todo é todo, pois, sem a parte não existe todo e, sem todo, não há existência de partes.

Ator II-O movimento disco-dande é negativo no momento em que perdemos a noção do corpo.

Ator III-Nota-se a multiplicidade do ser humano, quando este reage de formas difentes em grupos separados.

Ator VI-Cada pensamento é uma constante que se transforma no momento da ação.

Desfaz-se a massa e, cada ator pega um telefone. Existe uma transformação no rosto de cada um. Os personagens dialógam em linguagem ininteligível, até que a conversa, aos poucos passa a ter clareza:

- Alô.

- Alô, hããããã...Eu quero falar com o Michael Jackson.

- Aqui não tem ninguém com esse nome.

- Eu sei,mas eu quero falar com ele.

- Mas eu já disse que não é aqui.

- Eu sei que não é aí. E eu quero falar com o Michael Jackson.

- Tu tá brincando comigo, heim? Tô dizendo que não é aqui' e tu continua dizendo que quer falar com ele!

- É claro! E vou continuar dizendo até conseguir falar com ele.



- Por que não liga logo prá casa dele, então?
- É que ele já morreu.
- Ah, não! Qual é a tua, heim? Vai numa sessão espírita então. Por que ligou prá cá se sabe que ele já morreu?
- Só pra dizer que eu quero falar com ele.
- E o que que eu tenho a ver com isso?
- Nada.
- Então?
- Então o que?
- Então por que tu ligou prá cá?
- Porque eu quero falar com o Michael Jackson.
- De novo?
- De novo não. Eu nunca falei com ele. Vai ser a primeira vez.
- Ai que saco. Acho que eu tô ficando louco, mesmo.
- Alô...Ô...Fala alguma coisa...
- Falar oque?
- Não sei. Mas tu ligou prá cá pra falar comigo.
- Eu não. Tu é que ligou prá cá.
- Eu sei que eu é que liguei. Mas tu disse que eu liguei ' prá falar contigo, e eu quero falar com o Michael Jackson. Então tu é Michael Jackson.
- Eu não sou, merda!
- Claro que não, Michael: tu é simplesmente wonderful!
- Eu não sou Michael Jackson.
- Não tô entendendo.
- E ainda tá tentando?
- Não sei mais. Só de vez em quando. Quando eu perco.
- Eu sempre perco alguma coisa, mas nunca consegui perder' eu mesmo.
- Eu também não.
- Mas tu disse.
- Disse oque? Ah... não entendo. Não precisa falar.
- Mas eu quero.
- O que?
- Falar com ele.
- Ah, não! Sai...

Aos poucos a massa se desfaz, com a saída de um a um dos atores.



" TERROR NO OCIDENTE "

Natureza do espetáculo: TRAGÉDIA

Estréia: OCIDENTEBAR - Outubro/1981



(Ocorre entre os atores um jogo dramático apresentado de forma corporal, onde um ator grita para os outros:

- Minha vida.

a medida em que o jogo se desenvolve. É um jogo de força onde o ator perdedor vai ao chão e todos os outros o interrogam. Ele não responde a nenhuma das perguntas. As perguntas são:

-Você casaria com um aleijado em troca de um calhambeque?

-Você adotaria dois gêmeos siameses negros?

-Você delataria seu pai em troca de meia grama de maco ---
nha?

-Você furunfa na choronha?

-Você casaria com um homem de tico pequeno?

-Você venderia a sua alma ao Exú tranca rua?

-Você afogaria um filhote de cachorro?

-Você seria amante de um médico?

-Você já abriu seu terceiro olho?

o ator perdedor entra em crise histérica, enquanto os outros iniciam um ritual de acusação:

Ator I - Mãe eu tô com AIDS.

Ator II -Como fiquei velha, preciso de NÍVEA, CREME NÍVEA.

Ator III - Você vai dormir agora. Vai se transformar numa
macaca.

e o ator perdedor:

- Esta droga fortíssima me possuiu, estou tendo visões...
vejo um UFO desgovernado vindo em nossa direção.

O ator perdedor grita:

-Não, não, não.

Em back-off uma percussão de escola de samba, os atores ' cantam:

- "O MEU PAI É DUNGA,
MINHA MÃE TAMBÉM É DUNGA,
MEU AVÔ É UM CAIXÃO PRETO,
QUE MORA NA CATATUMBA."



O ator perdedor com um grito de guerra finda o jogo dramático dirigindo-se então para a platéia dizendo:

--"Nós desejamos imensamente que todos vocês sejam muito felizes".

Desce um par de olhos pelo pano de fundo e, a luz cai permanecendo somente os olhos dirigidos para a platéia.



" TEM UM ALBINO DO MEU LADO " (IeII)
Natureza do espetáculo: TEATRO DE DANÇA
Estréia: ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
Setembro/1982 - Maio/1983



(Ouve-se uma canção vinda dos bastidores. O ritmo aumenta e os atores entram em fila montados em cadeiras ornamentadas, nas cores verde, amarelo e vermelho. Ficam numa linha horizontal com expressões de alegria e utilizam-se de instrumentos musicais. Dizem um a um a seguinte frase:)

-Apaga a luz!

(A luz se apaga)

(Novamente dizem todos)

-Deu, deu, deu!

(Utilizando-se de apenas uma lanterna, os atores dizem palavras soltas, com expressões faciais correspondentes ao que dizem:)

-Chiclets!

-Estratesfera...

-Canudos.

-Listrado.

(Um grita:)

-Acende a luz!

(A luz volta e os atores começam a cantarolar, com o canto transformando em choro e choro passa a ser ruídos de automóvel. Forma-se um trânsito, com os atores se deslocando de um lado para o outro em desordem até formarem um círculo. Ficam catatônicos com um sorriso amarelo. Num movimento brusco, levantam-se e começam a encarar-se agressivamente arrastando as cadeiras formando um semi-círculo com estas. Uma personagem atira um lençol para a outra. O tecido é estendido e um dos atores é enrolado nele. O coro passa a carregar o ator enrolado, e uma das atrizes em falsete infantil, canta a seguinte história, enquanto outros marcham em círculo, ainda suspendendo o ator enrolado:)

-Minha mãe me mandou comprar repolhos. Ela me deu mil cruzeiros para mim comprar repolhos. Antes de sair de casa ela me disse:

-Minha filha, cuidado com o lobo gordo que vive na praia.

(A menina diz)

-Mas ela não sabe que eu capturei o lobo gordo e ele está aqui. (apontando para o ator que está envolto no lençol.)

(A menina muda de personalidade dizendo:)

-Basta! (senta-se)



(Forma-se um diálogo onde os participantes do coro continuam o texto iniciado pela primeira personagem:)

-Me passa a pasta? (Diz um)

-De dente? (Diz o outro)

-Não. (Sorri o outro)

-Do executurno-ativo! (outro)

-Aturo todas. (Afirma com convicção o outro)

(Todos sentam ao mesmo tempo. Um ator levanta e inicia sons de percussão com os pés, sendo acompanhado por todos até formar uma escola de samba. Os atores dirigem-se para a frente do palco com olhares fixos, retornando reunindo-se com cadeiras montando um ambiente com uma cadeira em cada ponta. Dois atores apossam-se das cadeiras das pontas ficando em pé em cima delas, segurando nas mãos leques e uma corda, formando uma espécie de varal que sustentará peças de vestuário. Os outros atores balançam de um lado para o outro, tanços dizendo:)

-Ai, Dolores sente dores.

-Que pudores meus amores.

-Por favores incolores.

-Mil odores, mil fedores.

-Mil horrores, mil pavores.

-Ai, Dolores...

(O coro inicia um lamento)

-Ai, ai, ai, Dolores sente dores!

Ai, ai...

(Forma-se agora um estilizado desfile de modas com simples coreografia e uso de acessórios, até que um dos atores pergunta:)

- Ei pessoal, vocês se lembram da aquela velha canção?

Aquela que dizia mais ou menos assim:

(Ator passa a cantar romanticamente. Surge outro ator que começa a cantar também. A canção é incompreensível. Torna-se compreensível a canção quando os atores cantam pronunciando:)

-...and rets so fair aways!

(Encerra-se a cena com todos os atores de braços estendidos para o alto, como que agradecendo, num grand finale.)



" ABUTRES DA REBENTAÇÃO "

Natureza do espetáculo: TEATRO DE DANÇA

Estréia: TETRO RENASCENÇA - Outubro/1982

(Obs.: este espetáculo foi apresentado ' em três teatros da cidade, no interior ' do estado e cumpriu uma tournée pelas ' principais capitais do país).

(Música. Quatro pessoas imóveis, todas de óculos escuros, com o olhar fixo para a platéia. Suas posições sugerem alguma coisa, meio sensual. Ao término da melodia, todos procuram alguma coisa incerta. Demonstram isso com todos os sentidos (audição, paladar, olfato etc). Depois saem em desabada corrida em direção às cochias. (cantam)

-Lá em cima do piano
tem um copo de veneno...
quem tomou morreu,
e não fui eu...

(Entram, um por um, aos poucos, com gestos sutis que lembram um chamamento meio selvagem. A senha é:)

-REQUETÊ!

(O ritmo torna-se mais acelerado. Os movimentos do corpo tornam-se mais desesperados.)

(Os atores param repentinamente e da boca de cena para o fundo do palco chamam o público:

-Venha comigo Smith...

juntam-se todos no fundo do palco num jogo corporal de onde é expulso um ator que dá informações ao público:

-Paulo Rogério. Paulo Rogério. Paulo Rogério, estudante de engenharia química, 27 anos. O Paulo Rogério está perdido. Ele está trajando um calçãozinho cor de laranja e uma camizetinha bege, escrito "oi bicho". Favor quem encontrar o Paulo Rogério, comunique que sua mãe o aguarda na portaria.

-O primeiro aviso é uma coceirinha. O segundo aviso é seu próprio pente. O terceiro aviso é o seu próprio cabelo. Você não pode continuar nesta situação...adquira já suas perucas Maxi Aplic 60, o seguro do seu cabelo.

-Comunicamos ao público presente que após o espetáculo não haverá debate.

-Indo a Porto Alegre, não esqueça de visitar o Bar do ZEBU. Bar do ZEBU ali na Wenceslau Escobar 1292.

(O resto do grupo é agora algo maligno e malicioso. Se voltam contra o ator expulso e começam a cantar enquanto desenvolvem uma coreografia.)

-Vou lambar tua bucetinha.

-Vou mamar nos teus peitinhos.

-Que bundinha gostosinha.

-Vem, vem chupar meu pau.

-Bicho bom coisinha fofa, tesudinha.

-Ai que gracinha.

-Bonecra, se é linda gata.

-Ai tesão do pai.

(O ator expulso transforma-se numa bruxa velha e feia que pede um beijo com ardor e tenta abraçar o grupo com seus braços deformados. Todos fogem enquanto a bruxa persegue. Em back off, uma música de carnaval. Os atores entram pela cochia direita com as pernas enfiadas em sacos de estopa. Fazem uma corrida até a outra cochia. Entra um apresentador de televisão e suas assistentes. O apresentador faz com a platéia um concurso, onde sorteará um prêmio).

-Regina e Rejane, sigam-me.

(O apresentador diz:)

-Gente momosa, gente sacana, gente tric-tric. Comigo Regina e Rejane, As Panteras.

O pessoal que está em cima do muro faça uma rápida reflexão sobre a repressão da burguesia contra uma classe minoritária, a robotização do homem e o problema do crescimento das Selvas de Pedra.

Atenção: vamos sortear um integrante de cada torcida para participar de um concurso, cujo prêmio será uma linda viagem, com o direito de ser acompanhado por uma das tigras: Rejina ou Rejane, para o Rio de Janeiro, a capital do sexo. O nº escolhido é o nº 60.

(Ninguém sobe, o apresentador fica assustado, aos poucos vai saindo de cena pela cochia da direita, seguido pelas auxiliares.



Na cochia da esquerda surge um ator com uma máscara de abutre e uma chave na mão. Para no meio do palco e canta:

-Sou canarinho dobrador...

enseguida lança um grito de guerra:

-Mike Thor!

da mesma cochia saem os outros atores com máscaras de abutre, e todos voam desgovernadamente por todo o palco, gritando como passaros enlouquecidos saem de cena.

(Apaga a luz)

(A luz volta em resistência e os quatro atores voltam junto ao som da canção original do telefilme "A FAMÍLIA WALTON". São todos crianças agora. Então todos no centro do palco com as mãos cruzadas para cima. Conversam com Deus. Todos juntos:)

-Deus e Senhor Jesus Cristo. Hosana nas alturas. Vamos cantar tudinho que nos aconteceu hoje.

Ator I - Não fiz os deveres da escola e quebrei a louça da mãe junto com a Mary Helen.

Ator II - Puxei as tranças de Suzam e risquei o caderno de Bob.

Ator III- Comi vários pirulitos do armazém do Sr. Smith. Mãe disse que teria cáries.

Ator IV - Escondi os óculos da Srta. Wellison hoje no culto. (A luz desce em resistência e um a um dos atores vão dizendo:)

-Boa noite John boy.

(Todos vão aumentando a intensidade, até o último grito histerico:)

-Boa noite John boy.

BAILE DO AUTOMATIC LOVER
natureza do espetáculo: REVISTA
estréia: BOITE AQUARIUS
setembro/83



Do fundo do palco surgem quatro hippies se arrastando enquanto toca em Back-off a música Aquarius. Os hippies a medida em que chegam na boca-de-cena vão se levantando e erguendo os braços para o céu. Quando estão no auge da hipnose astral eles tiram as perucas e começam a dublar a música "Vira, Vira" do grupo Los Angeles com coreografia. A seguir os dois homens se dirigem para a platéia e as mulheres pegam um violão e um pandeiro e cantam a música caipira:

"Me chamam Rodrigues, por parte del padre,
Me chamam Fernandes, por parte del madre,
Mi nombre es Maria, Maria del Carmo
Maria del Carmo, Rodrigues Fernandez."

Os homens na platéia atiram ovos e dizem desaforos às cantoras. Os atores sobem outra vez ao palco e cada casal sai por uma coxia

Em back-off: Fiquem agora com a arte e a magia do transexual Rebeca.

Entra em cena um travesti que dubla a música "Selina How How" Os quatro atores voltam a cena agora como entrevistadores de TV. São eles: Vó DÁvila, Roberto DÁvila, Leda DÁvila, Cunha DÁvila. Os quatro atores sentam-se em roda e fazem uma entrevista com o travesti.

Vó DÁvila: Como a sua família encarou a sua opção?

Leda DÁvila: Como está o mercado para os travestis em Paris?

Cunha DÁvila: Como foi a barra do início de sua carreira?

Roberto DÁvila: Voce tem um amor Rebeca? Então nos deixe um recado final.

Falta luz.



" NO VALE DOS PIMENTÕES "

Natureza do espetáculo: TEATRO--DO--ABSURDO

Estréia: CIRCULO SOCIAL ESRAELITA-Outubro/1983

(Obs: Com mais duas temporadas em teatros da cidade, participou duas vezes do projeto UNICENA, e recebeu os seguintes prêmios: Melhor espetáculo do ano pela crítica e Troféu Açori anos de Melhor Figurino.)

(A cortina está fechada. Na platéia existem quatro seres humanos desacordados. Parecem indivíduos que sofreram algo de abominável, como uma destruição. Em off, ouve-se um narrador de voz muito grave e educada dizendo:)

"Deus creavit coelum et terram intra sex dies. No primo dia, fecit a luz. Secundo die fecit firmamentum, quod vocavit céu. Terceiro dia coegit aquas in unum locum, et eduxit e terra, as plantas e as árvores. No quarto dia, fecit solem et lunam et estellas. Quinto die, fez as aves, quae volitant in aere, e os peixes qui natam in aquis. Sexto die, fecit omnia animantia, postremo hominem, e descansou no sétimo dia. Paradisus terrestris. Ingens fluvius irrigava o horto. Existiam ali omnes arbores jucundae adspectu, e fructus suaves no gosto. Inter eas erat-a árvore da ciência boni et mali. Do bem e do mal. Deus dixit homini: Utiliza-te dos fructus de todas as árvores Paradisi, com exceção do fruto da árvore scientiae, boni et mali; nam, si comeres illum fructum, morrerás.

Ano: 12 milis quartz vax

Situação na terra: Mudança. Seres surpreendidos por explosão geradora de agrupamentos, pequenos grupos de sobreviventes em vida mutante e incomunicavel."

Um som de explosão escutado. Um som muito forte.

Dois atores estão perdidos e perguntam um ao outro:

ator 1: Cadê a minha bolsa. Meus documentos. Chaves. Onde estão as minhas chaves?

ator 2: Eu não podia ter perdido a minha bolsa, como é que eu fico agora?

ator 1: Não sem documentos, perdi todos eles, eu fico louco.

ator 2: Minha bolsa. Como eu vou para casa? Sem as chaves?

ator 1: Que absurdo. Perdi todas as minhas coisas.

ator 2: Bem, Estou indo para a minha casa. Tenho que ir. Acho que vai chover e deixei a janela aberta.

(Os outros dois atores ficam olhando a saída dos outros dois e permanecem calados. Um levanta estala os dedos chamando o outro que aparenta ser seu empregado. Segue o seguinte diálogo:)

-Camareira, camareira, me traga o mosqueteiro e a bateadeira.

-Prá que princesa?

-Quero descobrir quem são meus verdadeiros pais e preparar um pão de ló.

-Mas por que alteza?

-Estou cansada de usar dentadura e vou plantar minha planta dos pés num plancton atômico totêmico, e, todos, atônitos, catatônicos, tremer-me-ão pelas portas. Soltem as lagartichas.

-Senhora, só nos restam bolinhas de gude para o jantar.

-Ótimo estou precisando sentir cócegas. Mande vir o protótipo.

-Da epístola?

-Não da pistola de pústula para o futuro treinador de gado.

-Oh! Gente víveres!

-E mortis ambem

-Ambém, ambém...

Os dois atores saem de cena dando lugar aos outros dois:

Eles cantam:

-Lá tem três bebês que latem na latrina

Uma chacina na fachada e a assassina assina a sina e se assa como uma acha. Broxa como bruxa como broxa como bruxa.

Come, come cobra, come cobra Kama, come cobra Kama Sutra, come cobra Kama Sutra Kami, come cobra Kama Sutra Kamikasi
Cacareco, cocoruto

(De trás do palco os outros dois atores fazem o coro:)

- E de lá vem as três, e lá vem os três, e lá vem o stress, estrelas no convés.

(saem de cena)

Da outra coxia surge um tipo estranho. O profeta. Ele diz:

-Nostro primareis deveres creares una familiare. Quer dizes que nostros pártenis e mártenis simírisis. Saibão cares que sômoros sólicis. Todavía não si nus desespêramus. Carentesis, massossos víveres, víveres. Não tibus dêverus lanentarsiris. Súspirus, súspirus.

Black out.

Inicia locução com a seguinte canção:

-O meu belo castelo mata tira tira rei

O que vós quereis mata tira tira rei

Nós queremos uma família mata tira tira rei

O que vós sereis

(Sobe a luz. Atores fazem uma caminhada que parte do fundo

do palco até a boca de cena. Estão caracterizados como, respectivamente: Pai, Mãe, filha e filho. Ao chegarem ao seu destino encaram a platéia e se apresentam. Inicialmente diálogo que logo se transforma em desentendimento:

Todos: Um dois, feijão com arroz

Um dois feijão com arroz

Pai: Alto lá companhia, sinto cheiro de café.

Mãe: Que é isso, tá pensando que eu sou mameluco?

Pai: Borba Gato, Borba Gato...

Achou o rabo do rato? Borba Gato era um bandeirante que numa entrada desbravou o Brasil. Meu país. Do lado de cá do mundo que se chama terra e é finito.

Filho: Bate quinze para as dez

Filha: Troca, Troca. Os de trás pra frente

Filho: Sente o latido

Mãe: Socorro!

Pai: No compasso, como, no compasso (3x)

Todos: No compasso. casamento Hop, Hop, Hop

Filho: Pipocar!

Filha: Bem no alvo. Lavado com omo, Kolinos e fio dental

Pai: Condolências. Mesmo assim, mesmo assim...

Mãe: Enfim, finalizado, o finado finaado. afinado, meio desatinado, um abobado, um bom bocado

Filha: Burocracia e duro ao cabo. Tão cabado, mas, enfim, fim é....

Filho: Póstumas

Mãe: Costuma-se passear após o jantar?

Pai: Deveras, quando a roupa, até o brejo depois da baba.

Filhos: E nós?

Pai: Sumariamente, se há barbante o bastante

Mãe: Por um instante atrás do muro

Filho: Poseidon. Realeza, poseidon.

Filha: Aquário de mirra, é sorte.

Pai: Sugaste o melão?

Mãe: Cinco.

Pai: Átomo

Filho: Coordena o andar

Filha: Abalada

Pai:Um queijo ipê

Mãe:Passou

(Iniciam uma pequena briga. O profeta aparece novamente e diz:)

-Voces errares como familie

Dêverus destruire tudo.

Iniciare novae.

RIBIBIBI-BIBIRIBI

(Surge um boneco estranho. A família agora passa a saudá-lo, para que logo partirem hipnotizados pelas laterais do palco, buscando alguma coisa, ao som de "O Dólar Furado".)



" IMPÉRIO DOS SENTIDOS "

Natureza do espetáculo: PANTOMIMA GESTUAL

Estréia: TEATRO RENASCENÇA - Fevereiro/1984

(Obs.: fez ainda inúmeras apresentações em casas noturnas da cidade).



(Dois atores estão imóveis no centro do palco. Vestem-se iguais e aparentam ser assexuados. Ouve-se uma locução. Ao término desta, inicia uma canção dramática japonesa e outros dois atores pelas laterais estilizam uma dança com os braços ligeiramente orientais. A locução é a seguinte:)

-Existe uma lenda japonesa que conta a história de dois jovens que na terra do sol nascente se encontraram e resolveram descobrir todas as maravilhas do amor. O que haveria dentro daquela pequenina mala?

(Um ator tem uma idéia brilhante. O outro procura descobrir. Mostra uma língua de sogra. O primeiro recusa. Aponta um carro plástico. Novamente negativa. Agora é vez de um balão. também não é aceite. Falam numa língua estranha, onde todas as vogais são substituídas pela vogal "i". Então o primeiro abre a mala. O segundo se posiciona e recebe um prato entre as pernas. O personagem que teve a idéia retira da mala um spray com creme para barba e o agita, disparando na direção do passivo. Entrega a mala ao companheiro e se atira com o rosto na espuma. Depois levanta-se e calmamente faz a barba, alternando movimentos enquanto o outro tem reações de acordo com o ritmo acentado pelo ativo. Ouve-se então novamente uma locução, enquanto cai a luz:)

-Segundo Freud: para se fazer um omelete é necessário quebrar os ovos. (pausa)

E fique com a gente!



" PEQUENAS TARAS "

Natureza do espetáculo: FANTASIA PSICOLÓGICA

Estréia: PROJETO UNICENA e INSTITUTO DOS AR-
QUITETOS DO BRASIL/1983



(Black out - ouve-se agora uma música infantil e após, a seguinte locução:)

-Cara de chocolate

Nariz de areia

Olhos de castanha

Cabecinha de vento

Não te esuqeço nunca

Em ti deposito a confiança

Do que não fui

E a tristeza do que serei.

Ei cara de chocolate!!!

Sorri prá eu ter esperança

Constrói um castelão

De mintirinha

E reserva só para mim

Que eu construo um mundão.

(Uma mulher:)

-Cuide bem das crianças. As fraldas estão no armário e os medicamentos no banheiro.

(Um homem:)

-Vamos querida, se não nos atrasamos.

(Uma mulher)

-Certo. Se precisar de alguma coisa, estamos neste número. E boa sorte!

(Som de porta batendo e carro arrancando)

(Agora aluz sobe aos poucos, com uma mulher de costas recebendo as informações. Vira, pouco a pouco, de costas com um sorriso sinistro. Caminha até uma lateral, mostra uma barra de giz e demarca um quadrado ao seu redor. Tenta abrir uma porta imaginária. No outro lado três crianças estão amontoadas com suas mamadeiras em pequenas brincadeiras. O clima é de festa. A babá mostra-se gentil e simpática, mas não é bem recebida.)



Então mostra o xarope e parte para cima delas como um avião a jato, tendo a colher com o líquido entre os dentes. Uma das crianças dispara uma arma contra a serviçal, esta cai e as outras duas crianças cobrem o cadáver. Olham para o alto e começam a falar:)

-Papai do céu, não foi por querer. Era só de brincadeira. Agora ela morreu.

(Acenam e saem cabisbaixas. Enquanto isso a babá ressucita' e dispara atrás delas com um instrumento de tortura. Ao sair dá uma gargalhada e diz:)

-A brincadeira apenas começou.



" A MARQUESINHA " (de Carlos Palombini)
Natureza do espetáculo: TEATRO DE CABARÉ
Estréia: OCIDENTE BAR -Junho/1984

(Uma mulher misteriosa está sentada, coberta por um manto transparente. Ao seu redor um coro de acorrentados repete cada ordem ou pedido transmitido pela sua deusa.)

-Alma minha gentil que partiste:

-Imbecil(agressão)

-Imbecil.

-Imbecil!

-Nunca mais...(solidão)

-Nunca mais.

-Nunca mais.

-Nunca mais.

-Outra vez! (suplicando)

-Outra vez.

-Outra vez.

-Pára...(com os dentes cerrados)

-Pára.

-Pára.

-Pára.

-Volta! (ordenando)

-Volta,

-Volta.

-Volta.

-Chega...(dor)

-Chega.

-Chega.

-Inbecil! (agressão)

-Imbecil.

-Imbecil.

-Nunca mais. (solidão)

-Nunca mais.

-Nunca mais.

-Outra vez! (suplicando)

-Outra vez.

-Outra vez.

(descobrem a mulher misteriosa. E se posicionam a sua volta como símbolos de alter-ego. Ela ergue um binóculo e aponta para a platéia:)

ELA -Procurando pelo amor,

ELES-Ai!

ELA -Procurando pelo amor,

ELES-Oh!

ELA -Procurando pelo amor,

ELES-Ui!

ELA -Como canso de mim. (pausa) Na platéia que gracinha. ' Olha lá uma mosquinha! (apontando)

(Enquanto um ator serve a marquesinha, dois outros mantem uma conversa estranha:)

-Ui, ui...

-Ai, ai...

-Ui, ui, ui...

-Que bobagem!

(Os três se encontram numa das laterais do palco e iniciam um diálogo com relação à marquesa que agora parece descansar. Diz:)

ELA -De Paraty? Não mora mais aqui. O problema do nada é muito simples. Tudo é nada, nada é tudo. Os manequins do Renner usam, fumam e amam Top Less!

ELES-(ator I) -Ditos célebres:

(ator II)-"Os que não me buscam são feios".

(ator III)-"Os que se dizem inteiros mentem-se".

(ator I) -"Todo um poema, as pessoas são de sí para sí".

Máxima:

(ator II)-A cabeça,

(ator III)-O cimo,

(ator II) -O cume,

(ator III)-O cú!

ELA -Sou uma marquesa,

Uma puta,

Uma princesa dinamarquesa,

Sou um ator.

(A luz diminui, passando a cena para um clima intimista. Os atores estão em cena com uma segunda intensão. Dizem:)

ELES - (ator I) -Trocavam olhares.

(ator II)-Selavam jactos.

(ator III)-Sonhavam juntas.

(Eles desaparecem. Agora existe apenas um foco sobre a mulher que depois de algum silêncio diz ingênuamente; logo após a a-núnciação de uma voz mencionar:"Ao fim do ato a sutileza da ' marquesa").

ELA -Vocês estão bem? (pausa)

Heis-me aqui!

(Ela desce da cadeira e o coro de acorrentados agora prepara se para contracenar com a marquesa em uma rápida coreogra - fia, inspirada nas antigas revistas, só que com um tango des ta vez. Cantam:)

+E o tempo é mais um produto

Nas prateleiras

Desse cemitério.

-Por minha culpa

Por minha culpa

Por minha culpa

Por minha máxima culpa

(cai a luz)



" A BELA E A FERA "

Natureza do espetáculo: TEATRO FANTÁSTICO

Estréia: SALA ÁLVARO MOREYRA -Outubro/1984

No palco um homem ao centro, que pode estar morto ou desfalecido. No seu rosto uma longa cicatriz na face direita. Duas mulheres estão à sua volta. Uma está acariciando o seu corpo e a outra chora convulsivamente. Elas, alternadamente, falam a ele como se ele pudesse ouvir.

Mulher 1: Vicente, eu realmente amo voce.

Mulher 2: Vicente, e essa mancha de baton na sua camisa?

Mulher 1: Vicente, voce não fala mais comigo.

Mulher 2: Vicente, nos encontramos no hotel

Mulher 1: Vicente, pare de ler.

Mulher 2: Vicente, voce tinha que ser durão?

Mulher 1: Vicente, foram 20 dólares.

Mulher 2: Vicente voce me acha feia?

(Cai a luz)

Quando volta a luz, o homem esta sentado no chao e parece não entender o que está se passando. Olha para cima e inicia o texto: "Daqui prá frente eu vou ser nada. A minha pessoa vai deixar de ter importância. Minha figura vai flutuar' como se minha alma não estivesse nela. Até tornar-me uma verdadeira criatura que já não controla nem sua alma, nem sua figura.

Alice era muito engraçada. Ela sempre me contava muitas histórias. Nós falavamos vinte e quatro, quarenta e oito, setenta e duas horas sem parar. Sempre a indagava: Vamos...que história é essa?

E ela me respondia:

Por favor, não me pergunte, não estou inclinada a responder. Lembro-me de uma agora. Será essa? A de uma jovem muito formosa que para salvar o pai condenado, porque ele colhera uma rosa num jardim que era encantado, com uma fera foi morar num misterioso castelo. E ali, transformou o feio em belo.

(Mira alguma coisa a sua direita. Cai a luz)

Quando volta a luz, o homem está no centro do palco e diz: - Num minuto tenho duas mulheres, no outro não tenho nenhuma.

Uma mulher surge a sua direita e diz a ele: -Voce sente falta de mim?

Ele: Sim, Acho que sim.



Uma outra mulher surge a sua esquerda e diz:

- Sonhei com voce.

Ele: Sonhou comigo o que?

Mulher 1: Sonhei que estávamos separados por um labirinto de portas

Mulher 2: Eu abria uma

Mulher 1: E nada

Mulher 2: Abria outra

Mulher 1: E nada

Mulher 2: Uma terceira

Mulher 1: E nada

Juntas: e mais uma e nada, nada, nada...

Ele: Lindo, lindo e estranhô como as notas emitidas por um sax.

O homem está sentado no lado esquerdo do palco tocando ao sax, uma canção. As mulheres a sua volta parecem se divertir muito. Cada uma delas está dando giros com uma taça de champagne pronta para estourar. No ar pairam bolhas de sabão. Todos servem-se. O homem continua tocando e parece não presenciar nada do que acontece a sua volta.

(Cai a luz)

Quando volta a luz o homem está no centro do palco e uma mulher entra pela esquerda com um livro de histórias na mão. Começa a contar a história:

-...Então quando a Bela chegou ao castelo, encontrou a fera' desacordada no jardim: Ela não havia cumprido o prometido, então, começou a gritar, achar por ele. Talvez acreditasse numa força maior.

Ele: A Bela, ...A fera...

Ela: Ela deu-lhe um beijo e ele despertou. Ela perguntou rapidamente: Voce aceita casar comigo?(Ela fala como que para ele.Ri. Dá um beijo nele e ele parece acordar).

Ele: Foi assim que terminou esta história de amor, de bondade e de beleza? A fera virando príncipe e a bela moça princesa?

Ela: Não concorda?

Ele: É claro que não

Ela: Claro que não? Então ouça isto: "O Belo é o primeiro de grau para o terrível". E agora, e agora, e agora?

Ele: Eu desejei outra coisa, outra...



(Cai a luz)

Quando volta a luz, um homem e uma mulher estão ' conversando: Ele parece querer explicar algo muito complicado:

Ele: ...E aquela voz dizia: Não és belo, Não és belo. E pedia que eu não chorasse, mas eu dizia: choro viu? choro sim...

Ela: Comigo acontece o mesmo, mas eu não consigo chorar. Saio, volto, saio, volto e sempre acabo muda.

Ele: Às vezes alguma coisa faz voce se olhar em outro alguém. Um dia contei a esse alguém que na noite anterior havia visto um filme.

Ela: Um filme?

Ele: Sim, um filme em que o personagem protagonista era sado-masoquista, e que entre uma e outra brincadeira com o seu ban de de camundongos brancos, banhava-se em uma piscina fria e como maltratava todas as mulheres...

Ela: maltratava todas as mulheres? Mulheres? Ora, Vicente, não me atordoe ainda mais, já basta - eu me debater nessa enorme con fusão que eu mesma criei. Desculpe, estou pronta para escutar.

Aliás, voce deve estar pronto para escutar: Nós somos duas , tres, quatro, muitas. Todas. Um número muito grande, o maior número, centenas, milhões, bilhões. Somos uma. Queria alguém? Pois tens todas.

Ele: Tenho todas, tenho todas... Mas voce desviou o que eu con tava. Onde eu parei?

Ela: Parou no momento em que ele maltratava todas as mulheres.

Ele: Ahh... Sim. E então ele se assustou com a imagem apática ' daquela bibliotecária que morava no apartamento que tinha sa - cada de frente para o seu quarto. Ela o olhava como se olha um abajur.

Ela: uma poltrona.

Ele: um guarda-chuva até. Ela baixou os óculos e disse num ' tom de ameaça:

Ela: Espere, agora lembro-me muito bem: "Deve ser maravilhoso ser violentada?"

Ele: E ele ficou... desarmado.

(Cai a luz, entra a trilha)



O homem está sozinho no centro do palco. Surge uma mulher de cada coxia formando uma fila. Os três saem em fila caminhando para afrente e encarando o público. Em fila vão até o fundo do palco e caminham dum lado ao outro das coxias. Cada um dos atores repete desenfreadamente uma frase:

Ele: O corpo só é belo quando inventado.

Mulher 1: Quem ama o feio é porque belo lhe parece.

Mulher 2: Quantas ânsias tive que sufocar por não ser suficientemente belo.

(Cai a luz, entra a trilha)

Quando volta a luz as duas mulheres estão uma ao lado da outra de costas para o público no centro do palco. O homem está parado na altura da coxia direita. Elas caminham até o homem e a mulher 1 se abaixa até os pés dele procurando alguma coisa. Ele diz:

-Bom dia Alice

Ela: -Bom dia Vicente

Ele: procurando o que por aqui?

Ela: O meu binóculo que eu perdi na areia

Ele: E encontrou?

As duas: Não. Aliás eu nunca estive aqui. Eu não conheço o senhor.

As duas saem pela coxia direita e logo voltam de costas. A mulher 1 fica parada na boca da coxia. O homem chama a outra e diz:

Ele: Alice, vamos brincar de guerra?

Ela consente e ele a transforma num canhão e começa a atirar para todos os lados. A mulher cai e a outra cai ao mesmo tempo.

(Cai a luz e entra a trilha)

Quando volta a luz o homem está caído ao chão e as mulheres estão em volta dele. Alternadamente falam com ele como se ele as pudesse escutar.

Mulher 1: Vicente, vamos jogar ping-pong no clube?

Mulher 2: Vicente, vamos fazer amor numa poltrona de cinema?

Mulher 1: Vicente, ouvi no rádio que a América vai ser bombardeada.

Mulher 2: Vicente, dormi num carro arrombado.



Mulher 1: Vicente, por onde andará aquelas suas calças com riscas de giz?

Mulher 2: Vicente, Meu analista disse que eu estou muito bem

Mulher 1: Vicente, seus olhos são julgados por assassinato, assassinato

Mulher 2: Vicente, encoste uma pistola na minha cabeça, depressa...

(Cai a luz e entra a trilha)



"SWING NA CALIFÓRNIA"

Natureza do espetáculo: TRAGICOMÉDIA

Estréia: ESPETÁCULO INACABADO



(A cena que será descrita a seguir, será repetida duas vezes, com atores se revezando e fazendo leituras diferentes do mesmo texto. Toca em back-off "California Dreamin" Um homem e uma mulher estão deitados, O homem agita as pernas, a mulher surge, levanta-se decidida e altiva e logo parte para agressão. Diz:)

Ela: O que está fazendo todo o tempo? E por que não diz alguma coisa? Voce é mau, sabe disso? O que está sempre escondendo?

Ele: Nada. Acha que eu não sabia que quando estava no amor comigo, não amava ninguém? Ninguém. Ninguém. Ou a todos, mas não a mim com certeza.

Ela: Eu não sou nada para voce, nada.

Ele: Mas voce não pode viver sozinha. Eu já lhe falei. O que há? Ainda não entendeu o que eu disse?

Ela: Escute aqui: eu nunca conheci alguém como voce. Muitas noites fiquei aqui deitada, esperando que voce voltasse para casa. Eu não tinha com quem conversar. Ninguém para me fazer companhia, por que voce não é homem, nem mulher, não é nada que eu possa conhecer.

Ele: Voce não sabe de coisa nenhuma. Acha que chegou aqui coberta de sabonete e vai sair coberta de sabonete. Não quer feder, nem mesmo por cinco minutos.

Ela: E voce... Voce é imoral. É o homem mais imoral que conheci em minha vida.

Ele: Por favor, pare! Pelo amor de Deus, pare com isso. Que posso fazer? Quer que eu mude o meu modo de sentir?

Ela: E voce sabe como se sente? Voce sente? O que voce sente?

Ele: Nada. Neste momento. Eu não sinto nada.

Ela: Era de se esperar. Por isso eu me pergunto! Que tipo de vida nós poderíamos ter juntos, afinal?

Ele: E depois dizem que a alegria de viver está morta.

Ela: Chega de desconfiança. Não paramos um minuto de brigar e atirar coisas um no outro

Ele: "Nossa melhor noite foi uma que ainda não aconteceu"

Ela: Me diga uma coisa: que negócio é esse o tal de tempo? O que estamos esperando?

Ele: Não ssi. Infelizmente não podemos inventar o que vai nos prender, ou inventar nossos amantes e nossos amigos.

Ela: Ora, ponha-se a vontade. Tire os sapatos, tire as meias.



Dê uma espidada nos meus livros. Muitas vezes fico sem saber o que faria se não houvesse livros nesse mundo.

Ele: Muito engraçado. Você é italiana e os italianos são muito teatrais.

Ela: Ah! Sim. Termine com apalhada. Isso aqui é mesmo um espetáculo.

Ele: O nosso espetáculo!

Ela: Sou uma italiana teatral, que mora perto de um jardim zoológica sob um céu estrangeiro. Parece que já ouvi antes essa canção!

Ele: E certamente vai ouvir de novo. E sempre. É uma dessas canções que alguém, em alguma parte sempre cantando.

(Então passam a cantar)

PANSEX

letra: Ricardo Argemi

música: Carlos Eduardo Miranda e Flávio Santos

Sem dominação

O bom é ação

Se voce não sabe

eu ensino como faz

Minha louca anatomia

sem poder transbordar

Me traz confusão

me deixa sem ação

Não como, não durmo

não posso trabalhar

Meus vícios solitários

não vão me consolar

(A luz vai diminuindo, e os atores cantam até desaparecem)

FIM DO ESPETÁCULO



até 25/7

"PANSEX, A BOSSA DA JUVENTUDE"

P A N S E X
apresenta

" A BOSSA DA JUVENTUDE "

Roteiro de RENATO CAMPÃO e PATRÍCIA CECATO
Livre adaptação de textos de - RENATO CAMPÃO, PATRÍCIA CECATO,
JOÃO CARLOS CASTANHA, TINA DISCHINGER, JOÃO DE DEUS e CARLOS
PALOMBINI.



" ÓPS... CAIU MEU DRÔPS "

Natureza do espetáculo: TEATRO DE DANÇA

Estréia: SALÃO DE ATOS DA PUC

I MILEA - Agosto/1981



(Entra no palco uma enorme centopéia, formada pelo corpo de todo o grupo. A parte frontal do bicho faz muitas caretas, e as suas curvas também. Ela inicia cantando uma música infantil:

ESTA É A HISTÓRIA DA SERPENTE,
QUE VEIO DOS MONTES
PARA PROCURAR UM PEDAÇO DE SEU RABO

O resto grupo junto com ela:

VOCÊ TAMBÉM...

VOCÊ TAMBÉM...

...É UM PEDAÇÃO, DO MEU RABÃOOOOOOO...

A centopéia dá uma volta pelo palco cantando a música. Aos poucos, as vozes vão diminuindo, passam a ser apenas resmungos e nhem-nhem-nhens. Volta para o lado das cortinas.)

(A frase: óps...caiu meu drôps, é dita por todos, sendo que existem variações no ritmo, na entonação e no modo de combinar as palavras. Troca a música, e o grupo de atores volta em fila indiana como se fossem soldados, atravessando o palco num vaminhar seco e ritmado, com um olhar fixo e assustado para a platéia. Desaparecem na cochia. Retornam as caminhadas da direita para a esquerda e vice-versa, com variações na expressão facial e corporal em unidade. É a hora dos solos. A cada passada, um ator compõe um novo tipo:

Ator I -(cantando)- Vieram me contar que você diz que não
me quer
E que você me tem a hora que você quiser
Eu só não compreendo oque essa gente
quer de mim
Não ligo e só respondo que eu te amo
mesmo assim.

Ator II -(dialogando com personagem invisível)

-Catarina, olha a chave!

(encerra cuspiendo)

-Ah? Ah, sim. Eu sei. Tudo bem. Tchau!



Ator III -(conversando com o público)

-Fui convidada para participar do concurso "Mais la comerciária" do Clube Nossa Senhora de Fátima. E como diz o poe^{ti}nha "desculpem as feias, mas, be leza é fundamental.

Ator IV - (conversando com o público)

- Essa chave aqui é da minha casa em Tramandaí, essa aqui é do meu Voyage, essa é do meu escritório, ' essa é do meu barzinho, essa é da minha caixa de bijou e essa...essa...ah!..essa aqui é a chave do meu coração.

Na última passada de atores, forma-se um agrupamento do qual saem fantoches, alternadamente dando os seguintes textos:

Ator I -Cada parte do todo é todo, pois, sem a parte não existe todo e, sem todo, não há existência de partes.

Ator II-O movimento disco-dande é negativo no momento em que perdemos a noção do corpo.

Ator III-Nota-se a multiplicidade do ser humano, quando este reage de formas diferentes em grupos separados.

Ator VI-Cada pensamento é uma constante que se transforma no momento da ação.

Desfaz-se a massa e, cada ator pega um telefone. Existe uma transformação no rosto de cada um. Os personagens dialogam em linguagem ininteligível, até que a conversa, aos poucos passa a ter clareza:

- Alô.

- Alô, hãããã...Eu quero falar com o Michael Jackson.

- Aqui não tem ninguém com esse nome.

- Eu sei,mas eu quero falar com ele.

- Mas eu já disse que não é aqui.

- Eu sei que não é aí. E eu quero falar com o Michael Jackson.

- Tu tá brincando comigo, heim? Tô dizendo que não é aqui' e tu continua dizendo que quer falar com ele!

- É claro! E vou continuar dizendo até conseguir falar com ele.



- Por que não liga logo prá casa dele, então?
- É que ele já morreu.
- Ah, não! Qual é a tua, heim? Vai numa sessão espírita en tão. Por que ligou prá cá se sabe que ele já morreu?
- Só pra dizer que eu quero falar com ele.
- E o que que eu tenho a ver com isso?
- Nada.
- Então?
- Então o que?
- Então por que tu ligou prá cá?
- Porque eu quero falar com o Michael Jackson.
- De novo?
- De novo não. Eu nunca falei com ele. Vai ser a primeira vez.
- Ai que saco. Acho que eu tô ficando louco, mesmo.
- Alô...Ô...Fala alguma coisa...
- Falar oque?
- Não sei. Mas tu ligou prá cá pra falar comigo.
- Eu não. Tu é que ligou prá cá.
- Eu sei que eu é que liguei. Mas tu disse que eu liguei ' prá falar contigo, e eu quero falar com o Michael Jack - son. Então tu é Michael Jackson.
- Eu não sou, merda!
- Claro que não, Michael: tu é simplesmente wonderful!
- Eu não sou Michael Jackson.
- Não tô entendendo.
- E ainda tá tentando?
- Não sei mais. Só de vez em quando. Quando eu perco.
- Eu sempre perco alguma coisa, mas nunca consegui perder' eu mesmo.
- Eu também não.
- Mas tu disse.
- Disse oque? Ah... não entendo. Não precisa falar.
- Mas eu quero.
- O que?
- Falar com ele.
- Ah, não! Sai...

Aos poucos a massa se desfaz, com a saída de um a um dos a-
tores.



" TERROR NO OCIDENTE "

Natureza do espetáculo: TRAGÉDIA

Estréia: OCIDENTEBAR - Outubro/1981



(Ocorre entre os atores um jogo dramático apresentado de forma corporal, onde um ator grita para os outros:

- Minha vida.

a medida em que o jogo se desenvolve. É um jogo de força onde o ator perdedor vai ao chão e todos os outros o interrogam. Ele não responde a nenhuma das perguntas. As perguntas são:

-Você casaria com um aleijado em troca de um calhambeque?

-Você adotaria dois gêmeos siameses negros?

-Você delataria seu pai em troca de meia grama de maco ---
nha?

-Você furunfa na choronha?

-Você casaria com um homem de tico pequeno?

-Você venderia a sua alma ao Exú tranca rua?

-Você afogaria um filhote de cachorro?

-Você seria amante de um médico?

-Você já abriu seu terceiro olho?

O ator perdedor entra em crise histérica, enquanto os outros iniciam um ritual de acusação:

Ator I - Mãe eu tô com AIDS.

Ator II - Como fiquei velha, preciso de NÍVEA, CREME NÍVEA.

Ator III - Você vai dormir agora. Vai se transformar numa
macaca.

e o ator perdedor:

- Esta droga fortíssima me possuiu, estou tendo visões...
vejo um UFO desgovernado vindo em nossa direção.

O ator perdedor grita:

-Não, não, não.

Em back-off uma percussão de escola de samba, os atores ' cantam:

--"O MEU PAI É DUNGA,
MINHA MÃE TAMBÉM É DUNGA,
MEU AVÔ É UM CAIXÃO PRETO,
QUE MORA NA CATATUMBA."



O ator perdedor com um grito de guerra finda o jogo tico dirigindo-se então para a platéia dizendo:

--"Nós desejamos imensamente que todos vocês sejam muito felizes".

Desce um par de olhos pelo pano de fundo e, a luz cai permanecendo somente os olhos dirigidos para a platéia.



" TEM UM ALBINO DO MEU LADO " (IeII)
Natureza do espetáculo: TEATRO DE DANÇA
Estréia: ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
Setembro/1982 - Maio/1983



(Ouve-se uma canção vinda dos bastidores. O ritmo aumenta e os atores entram em fila montados em cadeiras ornamentadas, nas cores verde, amarelo e vermelho. Ficam numa linha horizontal com expressões de alegria e utilizam-se de instrumentos musicais. Dizem um a um a seguinte frase:)

-Apaga a luz!

(A luz se apaga)

(Novamente dizem todos)

-Deu, deu, deu!

(Utilizando-se de apenas uma lanterna, os atores dizem palavras soltas, com expressões faciais correspondentes ao que dizem:)

-Chiclets!

-Estratosfera...

-Canudos.

-Listrado.

(Um grita:)

-Acende a luz!

(A luz volta e os atores começam a cantarolar, com o canto transformando em choro e choro passa a ser ruídos de automóvel. Forma-se um trânsito, com os atores se deslocando de um lado para o outro em desordem até formarem um círculo. Ficam catatônicos com um sorriso amarelo. Num movimento brusco, levantam-se e começam a encarar-se agressivamente arrastando as cadeiras formando um semi-círculo com estas. Uma personagem atira um lençol para a outra. O tecido é estendido e um dos atores é enrolado nele. O coro passa a carregar o ator enrolado, e uma das atrizes em falsete infantil, canta a seguinte história, enquanto outros marcham em círculo, ainda suspendendo o ator enrolado:)

-Minha mãe me mandou comprar repolhos. Ela me deu mil cruzeiros para mim comprar repolhos. Antes de sair de casa ela me disse:

-Minha filha, cuidado com o lobo gordo que vive na praia.

(A menina diz)

-Mas ela não sabe que eu capturei o lobo gordo e ele está aqui. (apontando para o ator que está envolto no lençol.)

(A menina muda de personalidade dizendo:)

-Basta! (senta-se)



(Forma-se um diálogo onde os participantes do coro continuam o texto iniciado pela primeira personagem:)

-Me passa a pasta? (Diz um)

-De dente? (Diz o outro)

-Não. (Sorri o outro)

-Do executurno ativo! (outro)

-Aturo todas. (Afirma com convicção o outro)

(Todos sentam ao mesmo tempo. Um ator levanta e inicia sons de percussão com os pés, sendo acompanhado por todos até formar uma escola de samba. Os atores dirigem-se para a frente do palco com olhares fixos, retornando reunindo-se com cadeiras montando um ambiente com uma cadeira em cada ponta. Dois atores apossam-se das cadeiras das pontas ficando em pé em cima delas, segurando nas mãos leques e uma corda, formando uma espécie de varal que sustentará peças de vestuário. Os outros atores balançam de um lado para o outro, tanços dizendo:)

-Ai, Dolores sente dores.

-Que pudores meus amores.

-Por favores incolores.

-Mil odores, mil fedores.

-Mil horrores, mil pavores.

-Ai, Dolores...

(O coro inicia um lamento)

-Ai, ai, ai, Dolores sente dores!

Ai, ai...

(Forma-se agora um estilizado desfile de modas com simples coreografia e uso de acessórios, até que um dos atores pergunta:)

- Ei pessoal, vocês se lembram da quela velha canção?

Aquela que dizia mais ou menos assim:

(Ator passa a cantar romanticamente. Surge outro ator que começa a cantar também. A canção é incompreensível. Torna-se compreensível a canção quando os atores cantam pronunciando:)

-...and rets so fair aways!

(Encerra-se a cena com todos os atores de braços estendidos para o alto, como que agradecendo, num grand finale.)